

Um olhar sobre a mulher a partir do conto “Uma galinha”, de Clarice Lispector

LARISSA ADAMS BRAGA*

Resumo

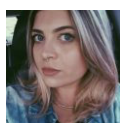
O presente artigo tem como objetivo analisar o conto “Uma galinha”, de Clarice Lispector, considerando algumas categorias narrativas, tais como o foco narrativo, os personagens e o papel do leitor. Este último auxilia na construção do significado do texto, visto que a literatura é capaz de humanizar e desencadear a reflexão interna de quem a lê, bem como incitar questionamentos acerca dos acontecimentos sociais. Com a reflexão obtida a partir da análise, percebe-se que o conto apresenta uma riqueza na composição narrativa e, ainda, considera-se que a personagem galinha é um símbolo que poderia representar o papel da mulher na sociedade.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Foco narrativo; Leitor; Mulher; Personagem.

Abstract

This article aims to analyze the short story "A chicken", by Clarice Lispector, considering some narrative categories such as narrative focus, the characters and the reader. The reader assists in building the meaning of the text, since the literature is able to humanize and to trigger internal reflection to those who read it and incite thinking about the social events. With the reflection, it is clear that the story presents a rich narrative composition and it is considered that the chicken character is a symbol that could represent all women in society.

Key words: Clarice Lispector; Narrative focus; Reader; Woman; Character.



* LARISSA ADAMS BRAGA é Graduada em Moda e Mestranda em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale (RS). Bolsista CAPES.



1. Introdução

O conto de Clarice Lispector, intitulado “Uma Galinha”, conta a história de uma família que aguarda a refeição de domingo. O desenrolar da narrativa se dá pelo fato de o prato principal – a galinha – fugir da cozinheira. A ave, que sempre fora calma não costumava demonstrar emoções, se vê em uma fuga desesperada por sobrevivência. Após muito correr é, finalmente, capturada pelo pai da família. A surpresa fica por conta de que, ao ser capturada, a galinha coloca um ovo e isto faz com que a família desista de matá-la para o almoço. Em respeito à maternidade, a tratam como um membro da família, até certo dia esquecerem-se do fato ocorrido e seguirem com suas vidas na antiga normalidade.

Tal enredo conduz a análise a partir de três categorias da narrativa: 1) o foco narrativo; 2) os personagens e 3) o leitor.

Dessa divisão categórica, elenca-se o foco narrativo como o primeiro a ser analisado, no sentido de investigar as características do narrador, onde se questiona qual é o ponto de vista de onde a história é narrada. Ademais, as colocações do narrador trazem dados importantes para o entendimento do texto, visto que, nesse caso, o narrador tem informações que vão além das características físicas dos personagens, pois também infere sobre as características psicológicas, as quais enfatizam os sentimentos de cada personagem e permitem que o leitor tenha a percepção de que a história é verossímil.

No que tange aos personagens, opta-se por enfatizar a galinha, a cozinheira (mãe da família) e o homem que persegue a galinha (pai da família), pois a relação deles permite a reflexão do papel da mulher na sociedade, visto que essa é uma das interpretações que pode ser feita – e aqui destacada – diante do conto.

Por último, destaca-se o leitor, que, através das narrativas, pode refletir sobre sua própria vida ou a vida em sociedade, enfatizando o papel “humanizador” da literatura.

2. O foco narrativo

“O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio.”
(BENJAMIN, 1994, p. 221)

O narrador serve como uma espécie de guia para o leitor, pois além de narrar a história, acrescenta pontos passíveis de reflexão durante e após a leitura. É ele quem fornece os detalhes necessários para a construção do sentido a ser construído. Saraiva (2009) salienta que a função do narrador é manifestada tanto por uma revelação explícita, quanto por sua pseudo-ausência, fazendo com que, mesmo optando pelo modo de narrar impessoal e objetivo, se tenha como uma necessidade a mediação do narrador.

Nesse sentido, não importa se o narrador é ausente ou presente no texto, pois a mediação só acontece através do ato de narrar. No que tange aos tipos de narradores, Genette (1995) explica que há dois tipos: 1) aquele que está presente na história, isto é, o narrador-personagem, denominado homodiegético e 2) o narrador heterodiegético, que está “fora” da história.

No conto “Uma galinha”, o narrador é heterodiegético, pois percebe-se que ele não faz parte dos personagens. Além disto, observa-se que o narrador é, também, onisciente, pois, segundo Genette (1995), esse tipo de narrador sabe de todos os detalhes dos personagens, além das características físicas, pois abrange também os pensamentos e sentimentos.

Tais observações podem ser vistas em trechos como: “Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com *indiferença*”, “E então parecia livre. *Estúpida, tímida e livre*”, “*Inconsciente* da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família”. (LISPECTOR, 1961)

As palavras anteriormente grifadas: *indiferença*, *estúpida*, *tímida*, *livre* e *inconsciente*, demonstram colocações que vem do narrador e apontam características peculiares dos personagens que transcendem as características físicas. Ao falar da *indiferença* ao tocarem as partes íntimas da galinha, fica subentendido certo desrespeito por parte de quem a toca, por ser “apenas uma galinha”. Já as palavras *estúpida*, *tímida* e *livre* demonstram certo detalhamento da galinha que vai além do fato de ser apenas um animal, conferindo a ela sentimentos habituais de humanos, vê-se então, através do ato de narrar, uma humanização do animal. Do mesmo modo, a palavra *inconsciente*, que demonstra a preocupação do narrador em mostrar o estado da galinha de não entender o que se passa ao seu redor, criando um clima de confusão, ou seja, a galinha sem entender o que se passava, começou a morar com a família.

Ainda, a partir dos trechos citados, podemos observar o lugar em que o narrador se encontra, ou seja, o “fora” da história. Percebe-se isso por expressões como “quando a escolheram” e “passou a morar com a família” (LISPECTOR, 1961). Se o narrador se refere à família como “eles” – *eles* a apalparam, *a* escolheram, *ela* passou a morar com *eles* – já é um indicativo de que o narrador não faz parte dos personagens.

Barthes (1976) complementa a análise do narrador, afirmando que existem os modos de narrar pessoal e apessoal. Nesse sentido, uma história pode ser narrada a partir do “eu” ou a partir do “ele”. Deste modo, constata-se uma narrativa em terceira pessoa no conto aqui analisado.

No que tange ao narrador, portanto, constata-se que quem narra está fora da história, porém sabe de todos os detalhes – sentimentos e pensamentos dos personagens. Ainda, através dos indicativos do narrador, pode-se construir uma imagem mais completa dos personagens, que auxilia na interpretação e entendimento do texto.

3. Os personagens: a galinha e a família

Segundo Bourneuf e Ouellet (1976), os personagens agem uns sobre os outros, ou seja, pode-se entender melhor um

personagem se prestar atenção nas relações entre eles, pois jamais se constituem sozinhos, assim como são movidos por ações e interações. Há uma interação, também, entre personagens e objetos, os quais podem ser simbólicos e contribuir no entendimento sobre o personagem.

Desses mesmos autores, elencam-se as principais categorias que utilizaremos para analisar os seguintes personagens deste conto: Galinha, pai, mãe e filha. Será necessário olhar os aspectos dados pelo narrador (tanto físicos, como psicológicos), somados aos aspectos recolhidos a partir dessa interação com outros personagens e com os objetos. Para facilitar o entendimento e a reflexão, foi elaborada uma tabela descritiva, que separa as características físicas das psicológicas dos personagens do conto:

Tabela 1 – Características dos personagens, fornecidas pelo narrador

Personagem	Características físicas ou simples	Características psicológicas
Galinha	- Galinha de domingo; - Nem magra, nem gorda; - “Comum”.	- Desajeitada; - Hesitante e trêmula; - Sozinha no mundo; - Estúpida, tímida, livre; - Não confiava em si mesma; - Afobada, exausta; - Nascida para a maternidade; - Velha mãe habituada; - Nem arisca, nem alegre, nem triste, não era nada – era uma galinha;

Pai	- Vestia calção de banho.	- Caçador adormecido; - Tinha dificuldade em alcançar a galinha em alguns momentos; - Sentimento de culpa por correr atrás da galinha que pôs o ovo;
Mãe	- Cozinheira.	- Cansada;
Filha	- Menina: Indicativo de ser uma criança pequena.	- Estarrecida ao ver o ovo posto pela galinha; (assustada) - Grita que a galinha “quer o nosso bem”, pede para não matarem a galinha; (compaixão) - Entrava correndo em casa: atitude indicativa de ser criança;

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2016)

Como observado na tabela 1, temos quatro personagens que aparecem no texto, sendo dois principais: a galinha (protagonista) e o pai (antagonista). Segundo Bourneuf e Ouellet (1976), protagonista é o personagem que conduz o jogo e dá ação a história e o antagonista é aquele que se faz necessário para que haja o conflito. Nesse sentido, o pai da família é quem inicia o conflito ao perseguir e capturar a galinha – gerando uma fuga e uma apreensão.

A protagonista é a mais enfatizada pelo narrador, pois há mais indícios de como é essa galinha: uma galinha comum, assustada, confusa, nascida para a maternidade e exausta (conforme a tabela 1). Sobre o pai, sabe-se que é um caçador adormecido, que “acorda” ao ser capaz de capturar a galinha, no entanto, nota-se no texto que ele sente culpa por ter feito a galinha correr “naquele estado”, ou seja, antes de colocar o ovo, como se fosse uma mulher grávida.

Além desses, temos a personagem da mãe e da filha, que, mesmo não tendo

tanto espaço no texto, contribuem para a interpretação. A menina, com poucas características, a não ser o indicativo de ser uma criança, denota um sentimento de inocência e compaixão – talvez por também vir a ser mãe um dia, ou por se ver naquele ovo posto, como a “criança” da galinha. O ovo exemplifica a interação entre objeto e personagem, comentada no início do texto.

Mas, nessa interpretação, por menores que sejam as características fornecidas pelo narrador, é chamado a atenção sobre a mãe, pois podemos fazer relação com a própria galinha: ambas são mães exaustas e “nascidas para a maternidade”. E é neste sentido que, cumprindo o papel de leitor que interpreta o texto a partir do seu entendimento do mundo, a reflexão é aqui feita.

4. O papel do leitor e a reflexão a partir do conto

*“Joga pedra na Geni.
Ela é feita pra apanhar.
Ela é boa de cuspir.
Ela dá pra qualquer um,
Maldita Geni”*
(Chico Buarque)

Já dizia Roland Barthes (1976) que não há povo sem narrativa, nessas exatas palavras: “a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade”. (BARTHES, 1976, p.19)

Nesse sentido, a literatura é uma necessidade humana, com ela o leitor pode se expressar, refletir e se comunicar uns com os outros. Ora, muito mais que isso, as histórias são prazerosas e permitem que os leitores se aprofundem em pensamentos e problematizem sobre o mundo, humanizando-se.

Seria possível não estabelecer conexões com a sociedade a partir do conto “Uma galinha”? Em uma sociedade cuja mulher tem sido condenada a uma dominação masculina, como exemplificada por Bourdieu (2002)? Dominação essa que não é apenas física – como capturada e apalpada com indiferença, vide o conto – mas também uma dominação simbólica, cujo descarte e insignificância da galinha podemos ver refletida em muitas outras mulheres – as fêmeas humanas.

O descarte pode ser visto a partir da serventia da galinha, pois enquanto procria e serve à maternidade é valorizada. Passado isso, que outra serventia teria a galinha a não ser o almoço?

A galinha e a mulher exaustas e uma menina – que pode ser mãe algum dia.

“Não matem a galinha, ela nos quer bem”, dizia a menina, no conto de Lispector (1961), ao ver o ovo recém-colocado. A criança também é um ovo que um dia será a galinha, que provavelmente cairá por exaustão. A menina, na nossa sociedade, também foi “nascida para ser mãe”.

Pois, o papel da mulher (dominada) e do homem (dominador) na sociedade acaba por naturalizado, como diz Bourdieu (2002), a seguir:

A ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças, salvo uns poucos acidentes históricos, perpetue-se apesar de tudo tão facilmente, e que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo como naturais. [...] Sempre vi na dominação masculina, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas. (BOURDIEU, 2002, p. 7)

Outra observação pertinente é o fato de nenhum personagem ter nome próprio, o que enfatiza que não é uma história específica de uma só família. Qualquer homem, mulher ou criança (especialmente menina), pode ser vista através do conto. Há uma generalização que provoca o leitor a se colocar no lugar dos personagens, de acordo com o seu conhecimento de vida, suas experiências e vivências.

Saraiva e Mügge (2013) salientam que o leitor aceita a provação do texto literário e estabelece uma relação com o mundo em que está inserido e, desse modo, ocorre a significação.

Nessa perspectiva, como leitora e mulher – impossível de isentar-me da

interpretação do conto – toma-se a liberdade de somar à reflexão a música de Chico Buarque, “Geni e o Zepelim”, usada como epígrafe desse subtítulo. A música fala do descarte de Geni, que enquanto serviu à comunidade foi valorizada e quando não teve mais serventia, voltou a ser apedrejada. A galinha, nesse caso, representando a mulher, seria mais um indicativo de uma hipocrisia humana, que descarta aquilo que não mais serve. Fazendo mais uma vez relação com Bourdieu (2002), tal descarte pode ser visto como uma violência simbólica, tão nociva quanto a violência física, se não pior: pois é naturalizada.

Ainda, é passível de interpretação sobre papel do homem e da mulher na sociedade, trechos como: “não era vitoriosa como o galo”, nem “contava consigo como o galo crê em sua crista” (LISPECTOR, 1961). Essa relação de oposição que o narrador traz no texto provoca o leitor a pensar na diferença entre macho e fêmea, homem e mulher. Outra parte que pode ser destacada do conto é a seguinte: “Pouco afeita pela luta mais selvagem pela vida a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar sem nenhum auxílio da sua raça”. (LISPECTOR, 1961)

No conto, a galinha acaba morrendo e sua luta cai no esquecimento. Mas a galinha põe o ovo. A fêmea dá a vida. Ao mesmo tempo em que se pode entender a crítica, pode-se também ver o sinal simbólico da esperança, que, assim como o ovo e a criança, na sua inocência e senso de justiça, manda que parem: Não a matem! Ela quer nosso bem!

5. Considerações finais

Considerando o efeito “humanizador” da literatura e que o leitor tem papel crucial na interpretação de um texto,

baseando-se em seu conhecimento do mundo, o conto “Uma Galinha”, de Clarice Lispector, possibilitou uma compreensão crítica sobre a sociedade, especialmente sobre o papel da mulher.

A partir de algumas considerações sobre o foco narrativo, pensando no ponto de vista do narrador, pode-se extrair características físicas e psicológicas dos personagens. O entendimento dos personagens e suas relações entre eles e entre o objeto (como exemplificado com o ovo) possibilitam que se trace uma relação simbólica de dominação, que, como apontado por Bourdieu (2002), explica as relações de dominação ou opressão entre homens e mulheres, que acabam naturalizadas.

Nessa perspectiva, conclui-se que a galinha descrita no conto pode ter uma relação com todas as mulheres que são, socialmente, “nascidas para serem mães”. Portanto, o conto vai muito além de uma história sobre um almoço de domingo, permitindo que haja uma reflexão profunda sobre o contexto social.

Aqui é o momento de lembrar que, essa é apenas uma das possíveis interpretações desse conto. Fica a cargo do leitor, de sua bagagem teórica, emocional e de vida, traçar as possíveis significações.

Referências

BARTHES, Roland. **Introdução à análise estrutural da narrativa**. In: BARTHES, R. et al. *Análise estrutural da narrativa*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1976, p.18-60.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. 2ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURNEUF, R. OUELLET, R. **As personagens.** In: _____. O Universo do Romance. Coimbra: Almedina, 1976, p. 199-279.

BUARQUE, Chico. Geni e o Zepelim (composição musical). Letra disponível em: <<https://letras.mus.br/chico-buarque/77259/>> Acesso em dezembro de 2015.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa.** 3. ed. Lisboa: Vega, 1995, p.211-260.

LISPECTOR, Clarice. **Uma galinha.** In: _____. Laços de família. Rio, Francisco Alves, 2^a ed., 1961. Disponível em: <<http://demiracatu.xpg.uol.com.br/Noticias/UMA>

[%20GALINHA.pdf](#)> Acesso em novembro de 2015.

SARAIVA, Juracy Assmann. **O estatuto do narrador.** In: _____. O circuito de memórias. São Paulo: Edusp, Nankin, 2009, p.25-40.

SARAIVA, Juracy Assmann; MÜGGE, Ernani. A leitura como prazer e descoberta em contos de Sergio Faraco. In: **Revista Língua e literatura.** V. 15, n.25, Dez, 2013.

Recebido em 2016-07-14
Publicado em 2017-02-05